



PLANOS UTÓPICOS

concretude e subjetividade da cidade

Organizadoras: Havane Melo e Nivalda Assunção



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

PLANOS UTÓPICOS

concretude e subjetividade da cidade

Organizadoras: Havane Melo e Nivalda Assunção

Brasília-DF
Editora Universidade de Brasília
2024

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

PLANOS UTÓPICOS

concretude e subjetividade da cidade

Adriana Araujo
Ana Lúcia Canetti
Anésio Azevedo
Capra Maia
Havane Melo
Karine de Lima
Léo Tavares
Nivalda Assunção
Paulo Vega Jr.
Priscilla Rampin

Brasília-DF
Editora Universidade de Brasília
2024

SUMÁRIO

Apresentação

GEPPA	7
Texto curatorial	9
MUnA	11

Exposição Planos Utópicos

Capítulo 1 Do cruzamento à encruzilhada, de Adriana Araujo.....	14
Capítulo 2 Colher e transformar os restos: poéticas das cinzas em terras queimadas na capital do Brasil, de Ana Lúcia Canetti	28
Capítulo 3 espaços inquietos, de Anésio Azevedo Costa Neto (stellatum_)	39
Capítulo 4 Processos escultóricos orientados para a (des)semelhança: o modular manual de cinza sobre cinza, de Capra Maia	46
Capítulo 5 A ponte entre verdade e ficção percorrida pela captura da imagem nas obras <i>Estranhas diversões e Memórias, sombras e cicatrizes</i> , de Havane Melo	54
Capítulo 6 <i>Sobre ser céu</i> , de Karine de Lima	68
Capítulo 7 Brasília utópica, verbovisual, imaginária: cotidiano e paisagem urbana na colagem contemporânea, de Léo Tavares	77
Capítulo 8 O insólito dos planos utópicos: desvios como retratos de uma cidade, de Nivalda Assunção	86
Capítulo 9 Linhas de desejo, de Paulo Vega Jr.	95
Capítulo 10 Notas sobre a melancolia, de Priscila Rampin	101
Biografias	114
Agradecimentos	119
Ficha técnica	120

CAPÍTULO 1

DO CRUZAMENTO À ENCRUZILHADA

Adriana Araujo

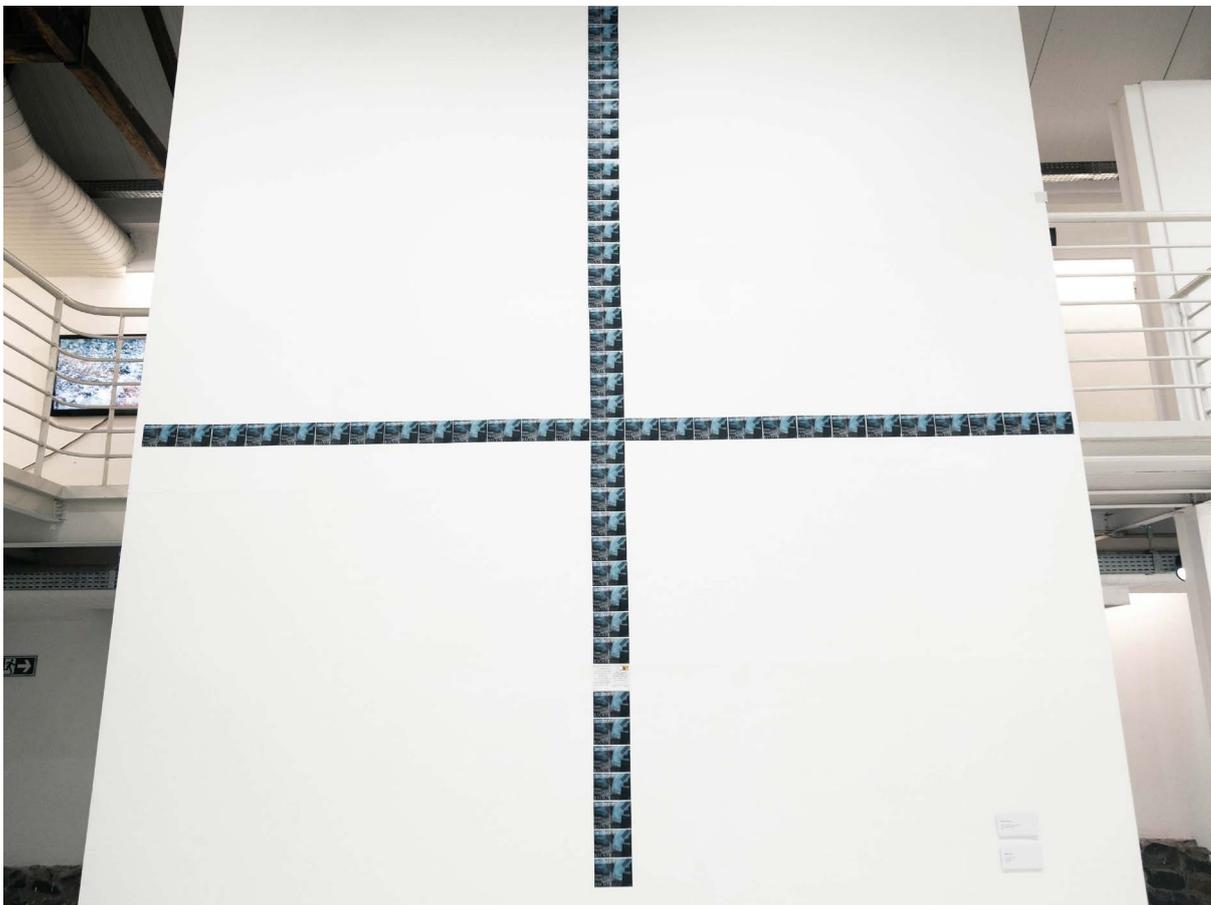


Figura 1 – Cruzamento: pare.olhe.escute, 2023. Foto: Havane Melo.

pare.

Uma libélula, uma borboleta azul morta e a sinalização para pedestres e carros atravessarem uma linha ferroviária. Juntas ao texto, que é um imperativo, uma solicitação de atenção, uma advertência. As imagens têm por base e pano de fundo o Plano Piloto de Brasília. Com essa composição, foram produzidas 126 cópias de um postal (Figura 2). Cartas foram enviadas para pessoas (conhecidas e desconhecidas) residentes em diferentes cidades do país, como, por exemplo: Boa Vista (RR), Salvador (BA), Correntina (BA), Juazeiro (BA), Cachoeira de São Félix (BA), Santa Maria da Vitória (BA), Uberlândia (MG), Brasília (DF) e São Gonçalo dos Campos (BA), São Paulo (SP).



Figura 2 – Adriana Araujo. CRUZAMENTO: pare. olhe. escute. (Postal/frente), 2023.

No envelope, com o postal, foi enviada uma carta (Figura 3), os quais, dependendo da escolha do destinatário, poderiam ser enviados para o espaço expositivo. Com a frente do postal substituída pelo verso, as respostas de cada participante compartilhadas em um mesmo espaço, e com a mobilização dos trabalhadores do museu, pretende-se criar uma dinâmica entre a leitura das imagens, a leitura dos textos e a configuração da instalação. Duas linhas perpendiculares tomam a forma de um cruzamento (Figura 1).

olhe.

Dadas as dimensões do trabalho, quando muitos textos forem exibidos, nem todas as mensagens poderão ser lidas. De acordo com o feitiço da instalação, há uma escala do cruzamento que ultrapassa as medidas de referência do

corpo humano, das borboletas e das libélulas. Por acompanhar a altura do pé direito do prédio, torna-se impossível alcançar as linhas ou entrelinhas de boa parte dos postais com as escritas. Olhe: é preciso pensar na relação entre as dimensões. Pensar como a escala pode aproximar e (ou) distanciar as relações.

Brasília, 15 de agosto de 2023

Olá, como vai?

Eu vou, algumas vezes desviando, algumas vezes colidindo, algumas vezes levantando, quase sempre demorando...

No conteúdo desse envelope tem um postal para você, com imagens sobrepostas, uma libélula, uma borboleta azul e morta, a sinalização para pedestres e carros atravessarem uma linha ferroviária e folhagens e céu.

Sob essas imagens, o Plano Piloto de Brasília.

Sobre essas imagens:

CRUZAMENTO
1 linha
PARE
OLHE
ESCUTE

Onde você vive agora? Como é se deslocar/caminhar nesse lugar? Como se produz alegria entre os viventes? Como é trabalhar e/ou não fazer nada aí? Como são as ruas, as construções? Como essa cidade habita e é habitada?

Se fizer sentido pra você, escreve, desenha ou pinta (ou ...) o postal, em resposta a uma, mais ou outras questões, sobre como você sente e vive essa cidade.

E se fizer sentido para você, manda o postal para a exposição coletiva
Planos Utópicos,
MUNA Museu Universitário de Arte - Praça Cícero Macedo, 309 - Fundinho -
Uberlândia / MG - CEP: 38400-216
A exposição ficará em cartaz do dia 25.08 até o dia 22.10.

Desejo cruzar nossas imagens e descobrir por onde elas podem nos levar...

Abraços,
Adriana

Figura 3 – CRUZAMENTO: pare. olhe. escute. (A carta), 2023.

[...]Como na mídia digital, com seu poder de aplicar um zoom e ampliar algo minúsculo e reduzir algo grande sem o menor esforço, a escala se tornou um verbo que requer precisão: escalar bem é desenvolver uma qualidade chamada escalabilidade, ou seja, a capacidade de expandir – e expandir e expandir – sem repensar os elementos básicos. A escalabilidade é, na verdade, um triunfo do design de precisão, não apenas nos computadores, mas nos negócios, no desenvolvimento, na “conquista” da natureza e, mais genericamente, na criação de mundos. É uma forma de design que tem uma longa história de dividir vencedores e perdedores. (TSING, 2019, p. 175)

O que é uma cidade que se expande sem resguardar a leitura da sua “incomunidade”? É uma casa grande, reservada para poucos. Para os outros, é um lugar em que há chuva e sol de menos ou demais. Os outros são também as plantas, que encharcam e morrem, são as terras esgotadas de sol, é o ar seco, rasgado pelo vaivém das turbinas de aviões. Algumas peles, fora da casa grande, expõem feridas abertas ao longo de séculos, feridas que continuam sendo contabilizadas. A fome, a miséria, a violência, puxam os pés da(s) cidade(s), são como fantasmas que retornam para ajustar velhas contas. Assim, a utopia continua, desde o início, como um lugar muito distante. Para Anna Tsing (2019), a escalabilidade é produtora de ruínas. Expandir, conforme explica Tsing, requer a falsa ideia de homogeneidade do mundo, uma negação do diverso. No Cruzamento planejado, não existe o zoom de aproximação que permita sentir as diferentes tonalidades, cheiros, sabores, temperaturas e rumores nos quatro cantos.

No Eixo Monumental de Brasília, conforme Lúcio Costa, “o homem adquire dimensão coletiva”. Podemos afirmar, ao ir para o Eixo, que essa tentativa de produção de coletividade, em lugar do almejado estado de bem estar para todos, produz a invisibilidade de multidões e reitera monumentais desigualdades. O que sentimos, na prática da monumentalidade, é a dimensão das soluções homogeneizadoras.

Aqui, no CRUZAMENTO, a leitura dos textos enviados só será possível aos postais situados à altura dos olhos de quem lê (Figura 4). Haverá, portanto, um jogo de leituras e não leituras, apesar da presença das escritas. As perguntas presentes na carta colocam em pauta a habitação, o trabalho, a diversão e a circulação nas cidades e, desse modo, buscam ativar subjetividades, questões sociais e ambientais em diferentes locais do país. Muitas delas fogem, pois nosso olhar não as alcança. E fogem de todos os nossos sentidos, ao tempo em que não deixam de existir.

É preciso dizer que este é um trabalho em processo. Também é preciso lembrar que todo trabalho de arte é duração, sendo, portanto, contínuo. Até aqui, poucos ou quase nenhum postal enviado retornou para o espaço expositivo. Contudo, nenhuma carta retornou para o endereço de origem do remetente, o que nos faz supor que chegaram a algum lugar, foram lidas por alguém.



Figura 4 – Cruzamento: pare.olhe.escute, 2023. Foto: Havane Melo

escute.

As cartas com os postais demoram a chegar, e algumas não chegarão nunca. Seja porque as cartas nunca foram entregues aos destinatários, seja porque os postais nem mesmo foram enviados ao destino, o Museu Universitário de Arte, MUnA. Ou ainda pelo fato de chegarem à exposição após seu término. São inúmeros desvios e fracassos que cabem nesse processo, o que faz deste trabalho uma sequência de desencontros que podem ser pensados como as falhas, os ruídos e as barreiras que impedem os processos comunicacionais.

No entanto, é possível admitir hipoteticamente: as pessoas que receberam a carta, puderam abrir e ler seu conteúdo, por um instante pensaram sobre a vida (in)comum na cidade em que vivem. Cabem ainda outras hipóteses: o percurso dos postais e seu conteúdo aberto, lido ao longo da viagem que fazem, por várias mãos e olhos, despertados por curiosidade; as cartas que se perderam no caminho foram parar em outras mãos, se transformaram em outra coisa não planejada; algumas cartas podem ter ido parar no lixo, ou numa gaveta onde ficam coisas esquecidas; alguma carta poderá vir a ser (re)encontrada numa gaveta, daqui a dez, vinte, trinta anos, por outra(s) pessoa(s) e, quem sabe, possa movimentar algumas subjetividades políticas.

Para a primeira apresentação da proposta, na exposição Tópico Brasília, realizada no Centro Cultural da Universidade Federal de Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte, enviei minha resposta (Figura 5). Essa resposta também fez parte da montagem do trabalho no MUnA. No verso do postal, encaminho algo que diz da inicial experiência em trânsito e, depois, as primeiras impressões como residente na capital do país. Considero o princípio da "natureza e (ou) cultura" como o que explode na "cidade nova". Para mim, isso é o que revela sua dinâmica, seu princípio, seu fim e seu impasse.

A separação entre natureza e cultura indica discrepâncias de poder, com uma natureza dominada em nome do progresso e de um projeto civilizatório. A pretensa retirada do país do atraso econômico e cultural vem com a industrialização, a construção de ferrovias, de estradas, de portos e hidrelétricas – vem com o projeto moderno.

A construção de uma cidade, capital do país, no planalto central, no coração do cerrado, como a síntese de uma cultura que avançava rumo ao futuro, espelha muito dos equívocos de uma proposta de encaminhamento do futuro, desde sempre pautada em extrativismos dos chamados "recursos naturais" e também dos povos ou corpos daqueles que, conforme a visão eurocentrista, ainda não eram civilizados. Sobre o contexto díspar, contraditório da capital moderna e do país do futuro:

[...] Simplesmente deu-se o caso, lembra Mário Pedrosa (sem novamente poder aprofundar a análise), em que as “preocupações de autopropaganda, de exibição de força”, manifestadas pela ditadura recém-declarada, ofereceram (literalmente) aos novos construtores a possibilidade paradoxal de realizar os “ideais democráticos e sociais implícitos nos princípios racionais e funcionalistas” do movimento moderno. (ARANTES, 2004, p. 114).

As cartas com os postais demoram a chegar, e algumas não chegarão nunca. Em Mário Pedrosa: itinerário crítico, de ARANTES (2004), há trechos dos textos de Mário Pedrosa sobre os documentos que assinalam o projeto de Lúcio Costa, os Planos Utópicos, o projeto para a nova capital, em que a expectativa de construção do futuro promissor se torna a continuidade do passado, a efetivação da relação do homem com a paisagem na história da civilização brasileira. Leiam em voz alta, e escutem bem:

Ora, a sabedoria de Lucio Costa consistiu em aceitar a incongruência difusamente pressentida por todos. Pois relendo o relatório do projeto enviado por Lucio Costa ao concurso, Mário Pedrosa julga ter encontrado uma das chaves de tudo que de contraditório “se esconde no invólucro moderníssimo” da concepção de Brasília. Aliás a deixa lhe vem do modo pelo qual o próprio arquiteto interpretou a solução que encontrou para o plano piloto: ponderando que a concepção urbanística da cidade não seria decorrência de um planejamento regional inexistente, mas a causa dele, tomou ao pé da letra a fundação da cidade, que daria “ensejo ao ulterior desenvolvimento planejado da região”, isto é, como os tempos estimulavam a imaginação dos grandes recomeços, atribuiu-lhe o caráter de um ato “deliberado de posse” mas no sentido de um gesto “ainda desbravador, nos moldes da tradição colonial”, de modo que a solução procurada “nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” (ARANTES, 2004, p. 120)

Não cabe a este texto apresentar o complexo emaranhado político existente à época da construção de Brasília, e sim adotar o sentido reflexivo, a partir da proposta artística de CRUZAMENTO. A ideia de expansão com vistas ao crescimento e ao lucro, como o princípio de progresso, vem, desde a expansão marítima européia, construindo nossa história. É o mesmo princípio que fez nascer Brasília. E o mesmo princípio que continua devastando áreas florestais, territórios de povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos, e que avança, de modo cada vez mais acelerado, com a expansão do agronegócio e da mineração.

O cruzamento de postais quer fazer ver o progresso e desenvolvimento, acompanhados da escalabilidade produtora de ruínas. Depois de apontar a indissociabilidade entre as questões sociais e de poder, como parte constitutiva da "cidade nova", e evocar o momento crítico da construção que vem do CRUZAMENTO, passemos a considerar a ENCRUZILHADA.

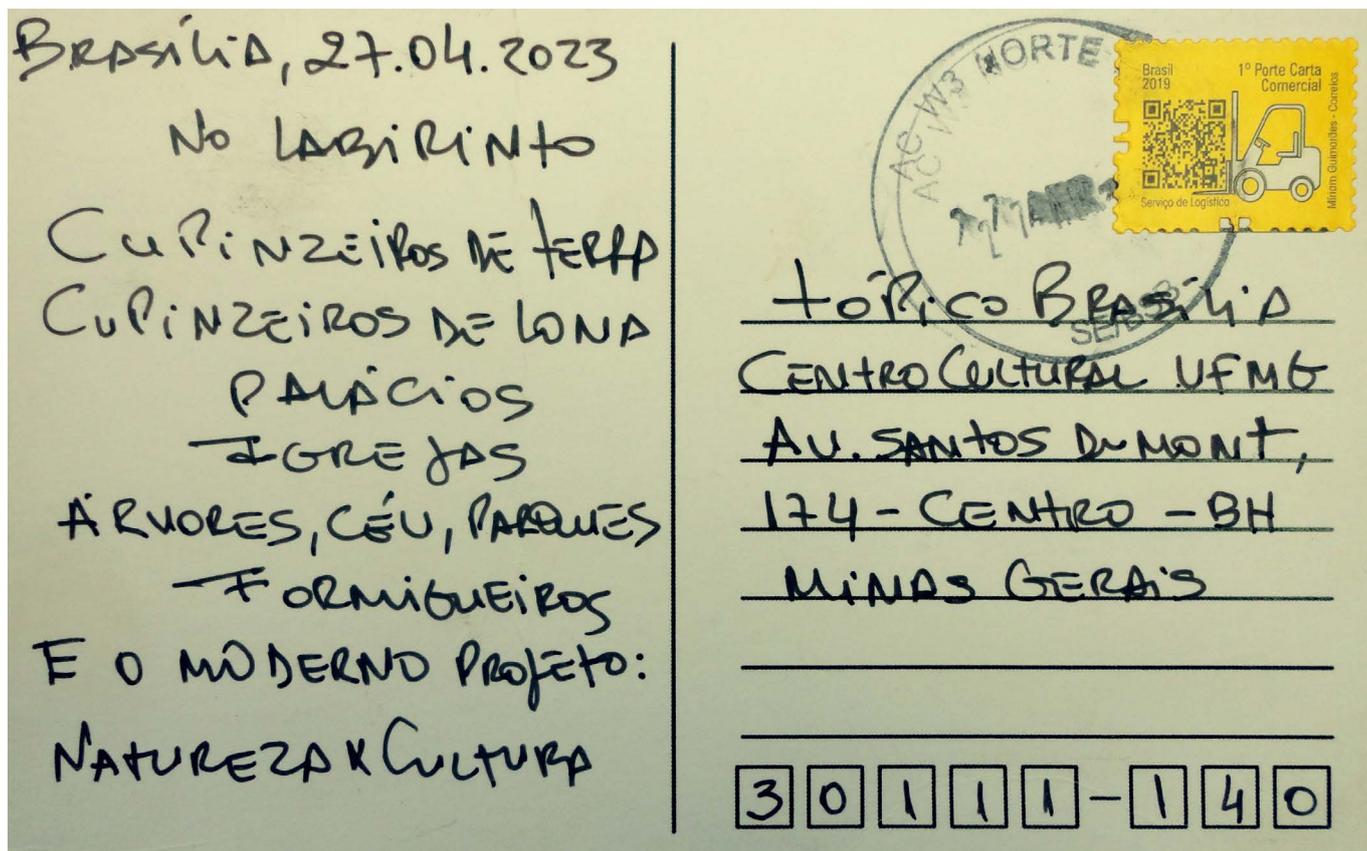


Figura 5 – Adriana Araujo. Verso do postal (resposta) – Tópico Brasília, 2023.

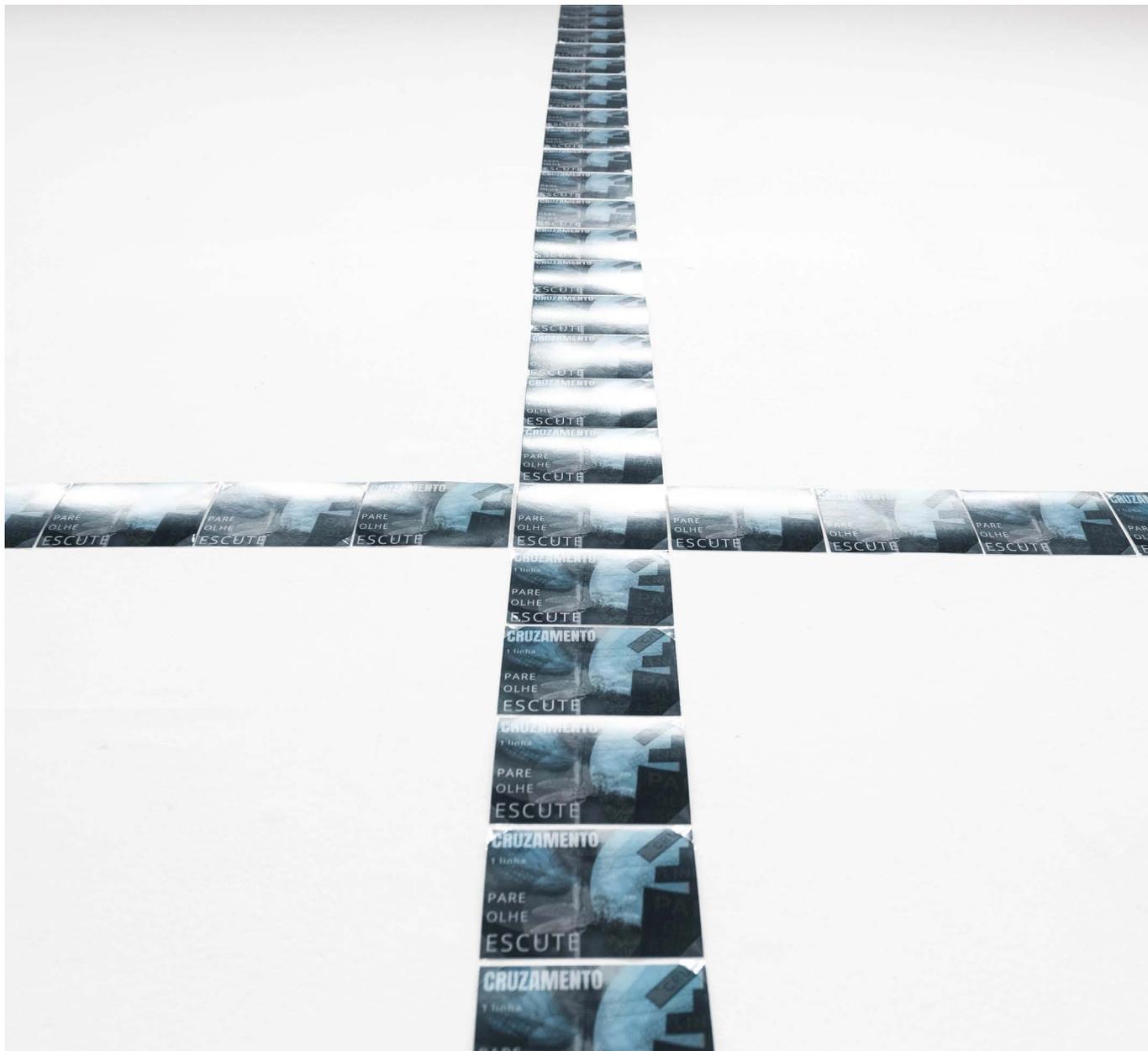


Figura 6 – Cruzamento: pare.olhe.escute, 2023. Foto: Havane Melo

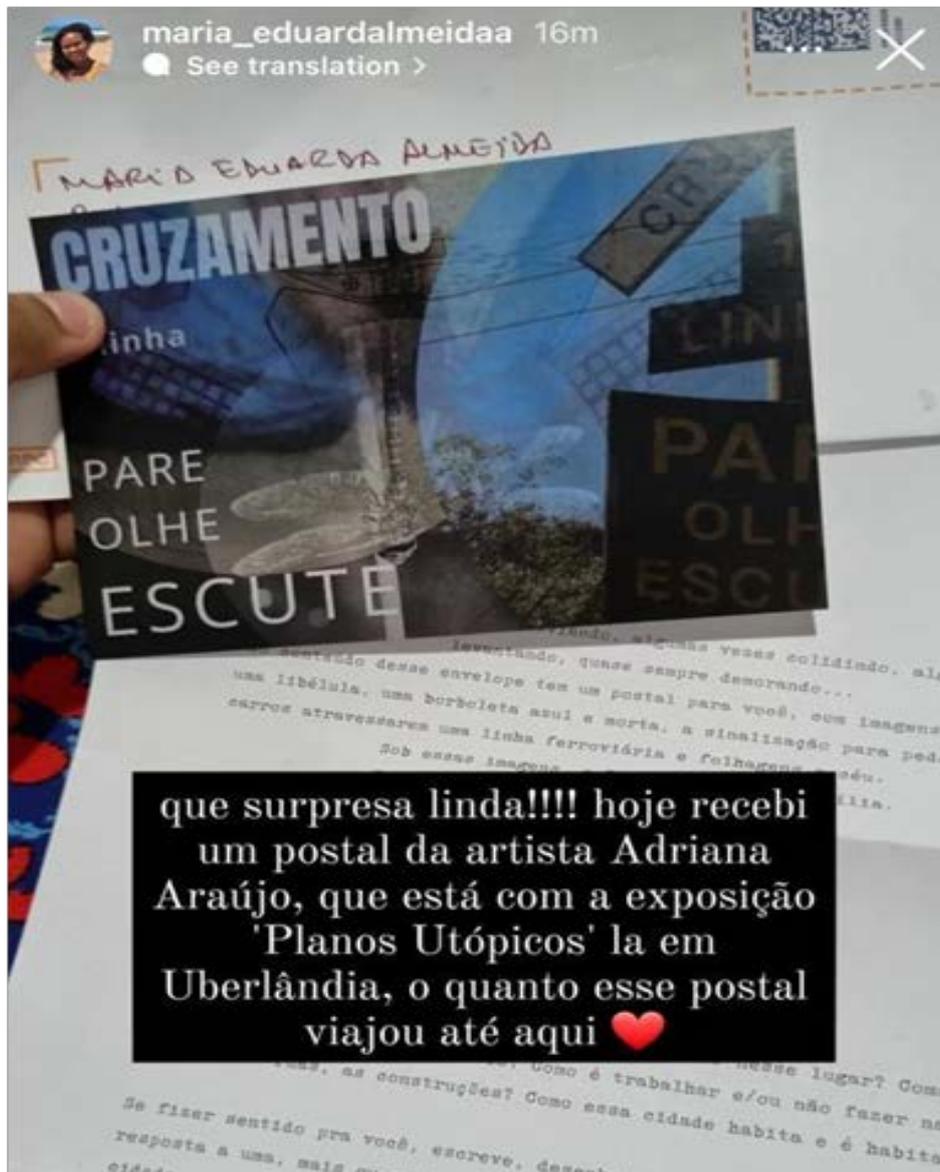


Figura 7 – Maria Eduarda Almeida. Post Instagram (Carta recebida), 2023.

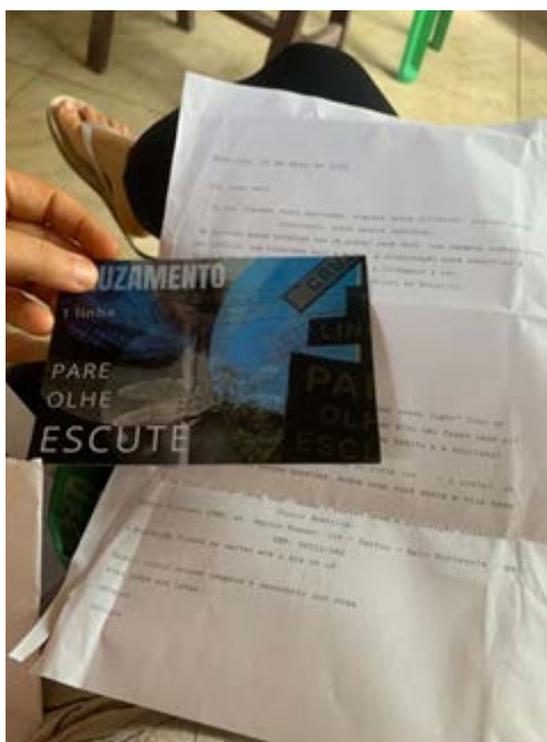


Figura 8 – Lívia Castro. Foto via WhatsApp (Carta recebida), 2023.

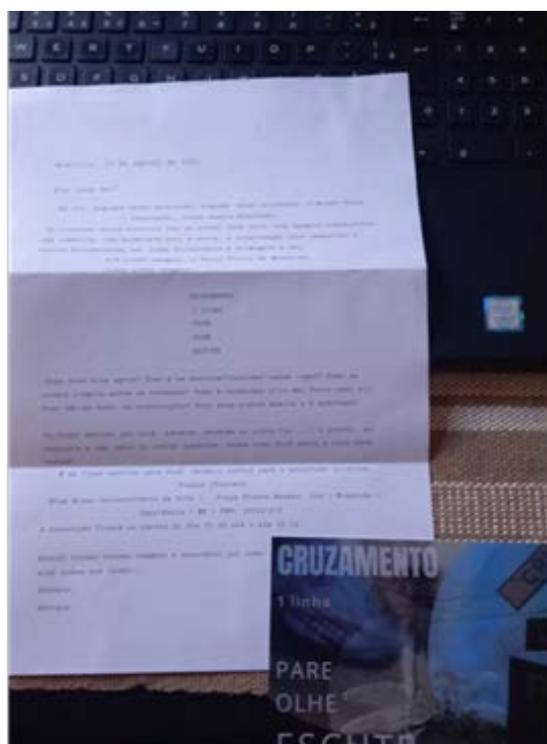


Figura 9 – Sarah Hallelujah. Foto via WhatsApp (Carta recebida), 2023.

encruzilhada

O uso dos correios em lugar das mídias sociais, para acionar a rede, a circulação do trabalho, é uma escolha pelo meio mais lento de comunicação e transmissão de informação nos tempos atuais. O uso dos correios como suporte ou como mídia de produção de arte não constitui um anacronismo, nem mesmo saudosismo em relação aos nossos modos de comunicar contemporâneos. Há uma escolha por produzir camadas, por saber como esses modos se aproximam, se afastam e (ou) se complementam. Há o desejo de criar tensões sobre as mudanças do uso de um ou outro dispositivo e, com isso, fazer perceber, nas formas como nos relacionamos outrora e agora, a produção de mundos. Olhar para as vantagens e desvantagens da lentidão e da velocidade.

O postal hoje, depois de assimilado pelo mercado da arte, pelas instituições museográficas e galerias, pode ser colocado como um modo de pensar e agir com a diferença. Camadas se efetivam, por exemplo, quando a recepção de cartas é substituída por postagens nas redes sociais. Inevitavelmente, a recepção de cartas é substituída por outros meios de circulação e troca de mensagens (Figuras 7, 8 e 9). E se efetivam quando alguém sair de casa, de frente das telas, e ir para a rua: topar com uma pedra, olhar o céu, cruzar com outras pessoas, enfrentar um congestionamento, atravessar uma avenida, até chegar a uma agência dos correios. Produzir uma experiência diferente da repetição.

Aqui estão postas considerações sobre um trabalho incompleto, associado à incompletude das cidades e seus habitantes: mais que humanos, não humanos, desumanos, humanos e outros. A encruzilhada surge como proposição imagética do presente, como um lugar crítico, o lugar de tomada de decisões. Um ponto para o encontro, para o embate, para discordâncias, o lugar do cruzamento, de ruas, de estradas, de saberes, de ignorância, o lugar da incompletude. Um lugar da comunicação se fazendo, um lugar de mobilização. O cruzamento de caminhos e do porvir se fazendo agora, agora e agora. A cruz, que já marcou o chão como forma de domínio do território, pode ser o que nunca foi: uma encruzilhada, no presente, e não em um futuro promissor, longínquo e utópico.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Mário Pedrosa: itinerário crítico. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DE LA CADENA, Marisol. Natureza incomum: histórias do antrope-cego. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, 2018.

TSING, Anna Lowenhaupt. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB, Mil Folhas, 2019

BIOGRAFIAS



Adriana Araujo

Desenvolve projetos em Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, instalação, meio ambiente e ações artísticas conjuntas. Doutoranda em Artes Visuais pelo PPGAV da UnB. Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV da UFBA. Professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Ana Lúcia Canetti

Doutoranda em Artes Visuais (Universidade de Brasília), mestre em Psicologia (Universidade Federal de Santa Catarina), licenciada em Artes Visuais (Universidade Estadual do Paraná – Faculdade de Artes do Paraná) e psicóloga (Universidade Federal do Paraná). Artista visual com ênfase em escultura em cerâmica. www.analuciacanetti.com

Anésio Azevedo Costa Neto (stellatum_)

stellatum_ é o nome artístico de Anésio Neto, Doutor em Artes Visuais (UnB), artista sonoro visual e professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), onde também atua como pesquisador nos seguintes temas: Arte, Tecnologia, Ciência, Natureza e Espaço. stellatum_ explora o deslocamento espaço-temporal através de sons e imagens. Especificamente, suas composições sonoras transitam entre a música eletroacústica e a música ambiente, ora contando com paisagens sonoras naturais, ora com drones sintetizados. <https://open.spotify.com/artist/1i1zyhq7MnNKf4W7ffD7JH?si=8cVWb2ifRIGFjMsPCPtTnA>

Capra Maia

Doutoranda em Artes pela UFMG, Capra Maia investiga os efeitos que a passagem do tempo imprime na matéria por meio da atuação de agentes diversos.

Havane Melo

Professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutora em artes visuais e mestre em comunicação pela Universidade de Brasília. Artista visual com ênfase em fotografia, vídeo e design gráfico. Pesquisa narrativas ficcionais. www.havanemelo.com

Karine de Lima

Com especialização em Gestão Ambiental Integrada e mestrado em Artes pela Unb, desde 2016 dedica-se à produção artística e aos projetos envolvendo a relação entre corpo, espaço, cidade e natureza. Atualmente coordena a implantação do programa de educação urbanística ambiental da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano da Prefeitura de Belo Horizonte. www.karinedelima.org

Léo Tavares

Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Brasília. Pesquisa a relação entre a palavra e a imagem. Autor de literatura, artista visual e professor. https://web.m-art.art/#/artistas/leo_tavares

Nivalda Assunção

Nivalda Assunção é Artista Visual, Arquiteta e Professora Associada do VIS/IdA/UnB. Doutorado em Arts et Science de L'art na Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) e Pós-Doc na École nationale supérieure d'architecture de Paris-La Villette (ENSAPLV) GERPHAU. Pesquisa a relação entre arte-cidade-natureza, processos artísticos ancorados em escultura, performance e tecnologias digitais. Líder do grupo de pesquisa GEPPA/CNPq. <http://lattes.cnpq.br/1324439742747081>

Paulo Vega Jr.

Artista plástico/visual, Doutor em Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte (PPG-ARTE), da Universidade de Brasília (UnB), área de concentração em Artes Visuais, linha de pesquisa em Poéticas Contemporâneas. Fez seu Estágio Doutoral na Universidade de Varsóvia (UW), no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos (IBERYSTYKA). É Mestre em Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília. Possui Licenciatura Plena em Educação Artística - Habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade de Caxias do Sul/UCS. Seus principais temas são: Arte Conceitual - anos 1960/1970; Arte Contemporânea; Autobiografia; Cotidiano; Identidade; Memória.

Priscilla Rampin

Artista Visual e professora do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Realiza trabalhos intermídia principalmente com gravura, fotoperformance e instalação. Cv lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/3247217836806199>

AGRADECIMENTOS

Ao Museu Universitário de Arte da
Universidade Federal de Uberlândia
(MUnA/UFU)

A Rodrigo Freitas Rodrigues
Coordenador Geral do MUnA

Às equipes do MUnA

Ao Instituto de Artes da UFU

Ao Instituto de Artes da Universidade
de Brasília (IdA/UnB)

Aos artistas participantes do GEPPA

FICHA TÉCNICA

Exposição

Curadoria

Capra Maia

Artistas

Adriana Araujo
Ana Lúcia Canetti
Anésio Azevedo Costa Neto
(stellatum_)
Capra Maia
Havane Melo
Léo Tavares
Nivalda Assunção
Paulo Vega Jr.
Priscila Rampin

Produção executiva

Capra Maia
Karine Lima
Priscila Rampin

Expografia

Karine Lima

Equipe do MUnA

Coordenação Geral e do Setor de
Montagem e Expografia:
Rodrigo Freitas Rodrigues

Coordenador do Setor de Acervo:
Alexander Gaiotto

Coordenador dos Setores de
Programação Visual e Informática:
Douglas de Paula

Coordenadora do Setor de Educativo:
Elsiene Coelho da Silva

Coordenadora do Setor de
Comunicação:
Mirna Tonus

Participantes da montagem
Ana Luísa Melgaço Guimarães
(Bolsista)
Corinne Barbosa Caldeira (Bolsista)
Rebecca Emília de Andrade Miotto
(Bolsista)
Sofia Martins de Oliveira (Bolsista)

Livro

Organização

Nivalda Assunção
Havane Melo

Textos de Apresentação:

Nivalda Assunção
Capra Maia
Rodrigo de Freitas

Comissão editorial:

Gabriela Lafetá - UFSJ
Ludimila Moreira Menezes - UnB
Tiago Samuel Bassani - IA/Unicamp

Textos de Artistas

Adriana Araujo
Ana Lúcia Canetti
Anésio Azevedo Costa Neto
Capra Maia
Havane Melo
Léo Tavares
Nivalda Assunção
Paulo Vega Jr.
Priscila Rampim

Projeto gráfico e Fotografia

Havane Melo

Imagem da capa

Nivalda Assunção

Revisão

Léo Tavares



ISBN: 978-65-980928-4-9

CSL



9 786598 092849